

O EMPREGO SEGUNDO O SEXO. RESULTADOS DE UM INQUÉRITO AOS LICENCIADOS DA UNIVERSIDADE DO MINHO

ALBERTINO GONÇALVES*

RESUMO:

A passagem pela universidade é, muitas vezes, apontada como "niveladora" ou, pelo menos, atenuante das desigualdades sociais iniciais da população estudantil. A partir dos resultados de dois inquéritos a licenciados da Universidade do Minho, este artigo procura vislumbrar até que ponto esse efeito se verifica no que toca às diferenças de género, designadamente perante o emprego, em dimensões tais como o acesso ao trabalho, o ramo de actividade, a situação na profissão ou a remuneração.

1. Inquérito aos Licenciados da Universidade do Minho

Vincadamente empírico e descritivo, o presente estudo apoia-se nos resultados de dois inquéritos, realizados em 1997 e 1998, a licenciados da Universidade do Minho. Em 1997, a Associação dos Antigos Estudantes e o Conselho Académico solicitaram-nos um inquérito aos licenciados,

* Professor Associado da Universidade do Minho.

desde 1991, dos cursos em vias de avaliação interna ou externa (ver Quadro I). No ano seguinte, a Comissão do Curso de História e o Conselho Académico pediram a aplicação do mesmo questionário aos licenciados, entre 1990 e 1994, do curso de História e Ciências Sociais, então na fase terminal do processo de avaliação externa.

Dentro dos períodos previamente delimitados (ver Quadro I), o inquérito, "exaustivo", pretendeu abarcar tantos licenciados quanto possível. Na realidade, do universo de 1 018 licenciados registados pelos Serviços Académicos, foram entrevistados 764: três em cada quatro. A distribuição dos licenciados pelos diversos cursos é muito desigual (ver Quadro I):

Quadro I
Cobertura do inquérito por cursos

Conselho de Cursos	Licenciatura ou Ramo de Licenciatura	Período	Inquiridos	Por inquirir ¹	Totais
Ciências	Quím. C. Q. Mat. Plást.	1992-1996	29	5	34
	Quím. C. Q. Mat. Textil	1992-1996	47	5	52
Engenharia	Eng. Polímeros	1993-1996	42	7	49
	Eng. Produção	1994-1996	50	14	64
	Eng. Prod. R. Metal.	1995-1996	8	4	12
	Eng. Prod. R. Plást.	1991-1996	34	11	45
	Eng. Prod. R. Textil	1991-1996	92	41	133
	Eng. Têxtil	1991-1996	101	32	133
	Eng. Vestuário	1995-1996	7	1	8
C.E.E.P. ²	Rel. Int. R. Cult. Pol.	1991-1996	133	77	210
C. Sociais	Comunicação Social	1996-1996	30	3	33
	Sociologia Org.	1994-1996	98	9	107
	História e C. S.	1990-1994	93	45	138
	Totais		764	254	1018

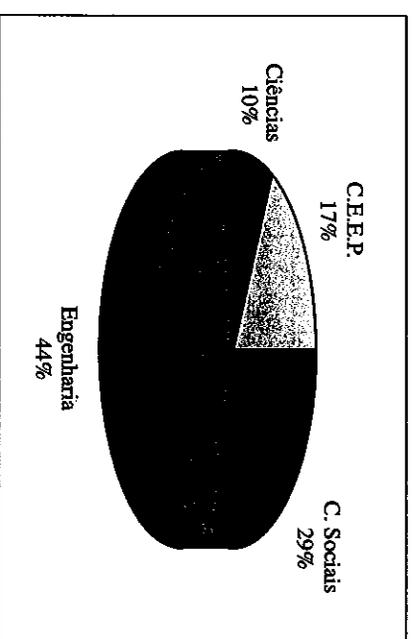
¹ Dos 254 licenciados que ficaram por inquirir, a quase totalidade não o foi por impossibilidade de contacto. Apenas uma meia dúzia de licenciados se escusou, assumida ou efectivamente, a responder ao questionário.

² Ciências Económicas, Empresariais e Políticas.

dos treze cursos abrangidos, quatro³ somam 614 licenciados e representam 60.3% do universo, enquanto que outros tantos⁴, reunindo apenas 87 licenciados, se ficam pelos 8.5%.

Dos actuais sete conselhos de cursos da Universidade do Minho, quatro foram contemplados com pelo menos uma licenciatura: Ciências, Ciências Económicas, Empresariais e Políticas, Ciências Sociais e Engenharia, cabendo a este último a maior fatia (ver gráfico I).

Gráfico I
Distribuição dos inquiridos por conselhos de cursos



A administração dos questionários, feita por telefone, em horário pós-laboral, decorreu, no primeiro inquérito, de Outubro a Dezembro de 1997 e, no segundo, durante o mês de Setembro de 1998.

Nenhum destes inquéritos obedecia a uma problemática propriamente sociológica. Não foram concebidos para testar ou fundamentar hipóteses alicerçadas num qualquer acervo teórico e metodológico característico da Sociologia enquanto disciplina científica. Recorrendo à gíria do ofício, o que lhes subjaz não é um "problema sociológico" mas prá-

³ Relações Internacionais, História, Engenharia Têxtil e Engenharia de Produção - Ramo Têxtil.

⁴ Engenharia do Vestuário, Engenharia de Produção - Ramo de Metalomecânica, Comunicação Social e Química - Ramo de Controlo de Matérias Plásticas.

tico, precisamente aquele que motivava e preocupava as instituições pro-motoras: (de)cifrar as trajetórias e as situações profissionais e acadêmi-cas dos licenciados perspectivando-as a partir de um conjunto circuns-crito de parâmetros relacionados com a formação universitária. Ou seja, dotar, em tempo útil, as comissões de avaliação com as informações "objetivas" requeridas pelos guilões "padronizados" da avaliação das licenciaturas em curso nas universidades portuguesas. As entidades responsáveis estavam assim bem conscientes do que queriam saber e do que era preciso perguntar. Cumprida ao sociólogo conseguiu-lo pelas suas artes e técnicas mediante os recursos disponíveis. Foram estes os moldes em que foi planeado o inquérito e gizado o questionário, com poucas questões, predominando as de facto, e uma sequência fluente e coloquial, apropriada à entrevista por telefone. Neste contexto, o questionário cen-trou-se, sobretudo, nas seguintes vertentes: por um lado, a situação e a trajetória académica e profissional dos licenciados e, por outro, a sua relação e opinião retrospectiva face ao curso e à Universidade. A curiosi-dade de foro estritamente sociológico não coube, obviamente, neste espa-rtilho deveras estreito. Mesmo assim, embora confinada a uma sociologia "aplicada" ou "de serviço", nem "pura" nem "fundamental", esta investi-gação resultou pródiga em informações de presumível interesse dentro e fora da comunidade sociológica. Comprova-o, porventura, este primeiro artigo, construído em torno da variável sexo. O mundo universitário e a experiência académica são, muitas vezes, apontados como "níveisadores" ou, pelo menos, atenuantes das desigualdades iniciais da população estu-dantil. Até que ponto esses efeitos se verificam no que toca às diferenças de género, designadamente perante o emprego?

2. Acesso ao Emprego

No conjunto dos licenciados inquiridos, dois em cada três são mu-lheres. Esta repartição por sexo varia, contudo, de curso para curso ($V = .31$; $p < .0001^5$), sobressaindo os de engenharia com as menores ta-xas de feminização (ver Quadro II).

⁵ Sendo a amostra exaustiva (abarca o universo) o cálculo do valor de prova (p) não faz sentido. Contemplamo-lo, mesmo assim, mas a título meramente indicativo.

Quadro II
Distribuição dos licenciados por sexo e curso (% por linha)

	Homens	Mulheres	Total (n)
Commnic. Social	12.1	87.9	33
Sociologia Org.	18.7	81.3	107
Rel. Int. R. C. Pol.	21.9	78.1	210
Outm. C. Q. M. Têx.	23.1	76.9	52
Eng. Vestuário	25.0	75.0	8
História e C. S.	26.1	73.9	138
Outm. C. Q. M. Plas.	32.4	67.6	34
Eng. Têxtil	39.8	60.2	133
Eng. Produção	42.2	57.8	64
Eng. Polímeros	46.9	53.1	49
Eng. Prod. R. Têx.	47.4	52.6	133
Eng. Prod. R. Plás.	62.2	37.8	45
Eng. Prod. R. Met.	100.0	0.0	12
Totais	33.1	66.9	1018

V . Cramer = 0.31

Coef. Conting. = 0.3

$p < .0001$

O sexo condicionará a quantidade e a qualidade do emprego, a começar pelo próprio acesso à actividade profissional?

Os resultados do inquérito apontam para a uma ligação fraca ($V = 0.14$) entre o sexo e o exercício de uma actividade profissional: globalmente, trabalham 97.1% dos homens contra 88.6% das mulheres. O desemprego surge assim como uma realidade mais feminina. Uma análise mais fina, que inclui o conselho de cursos como variável adi-cional⁶, mostra que esta diferenciação se circunscreve principalmente aos conselhos de cursos de Engenharia e, em menor grau, de Ciências Sociais, sendo negligenciável nos restantes (ver Quadro III).

⁶ Uma outra variável potencialmente interferente seria o ano de conclusão da licen-ciatura. Só que não apresenta uma relação minimamente significativa com a variável sexo ($V = 0.11$ e $p < 0.0505$).

Licenciados por conselho de cursos, sexo e exercício de actividade profissional

	Trabalha		Procura trabalho		Não procura trab.		V de Cramer	Valor de prova: p <
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher		
Ciências Sociais	100.0	91.6	0.0	6.2	0.0	2.2	0.13	0.1432
Engenharia	99.4	91.1	0.6	7.3	0.0	1.7	0.18	0.0028
Ciências	100.0	98.2	0.0	1.8	0.0	0.0	—	—
C.E.E.P. (R.I.)	77.8	74.5	18.5	20.8	3.7	4.7	0.03	0.9345
Totais	97.1	88.6	2.5	9.1	0.4	2.3	0.14	0.0001

Existe uma maior proporção de homens do que de mulheres com emprego. Será que levaram o mesmo tempo a alcançá-lo? A leitura do quadro IV permite-nos esboçar uma resposta: 45.3% dos homens começaram a trabalhar antes de se licenciarem contra 25.3% das mulheres. Não convém, todavia, descurar as disparidades entre cursos. As distâncias entre sexos são significativas em todos os conselhos de cursos excepto num, o de Ciências, onde a associação entre as duas variáveis se anula ($V = 0.04$). É, em contrapartida, nas Ciências Sociais que o fosso surge mais pronunciado: por exemplo, antes de ingressar na licenciatura já trabalhavam 41.9% dos homens, mas apenas 15.5% das mulheres ($V = 0.26$)⁷.

3. A situação na profissão

Os homens tendem a aceder, comparativamente, mais cedo e em maior número ao emprego. Isto diz-nos algo em termos do calendário e da quantidade do emprego, mas pouco sobre a sua qualidade, os seus atributos intrínsecos.

⁷ É provável que este desfasamento no acesso ao emprego se repercuta noutros aspectos da actividade profissional condicionando, deste modo, a sua relação com o factor sexo. Atente-se, por exemplo, na remuneração, cuja relação directa com o período de início da actividade profissional não é de todo desprezível ($V = 0.21$; $p < 0.0001$).

Licenciados por conselho de cursos, sexo e início de actividade

	Antes da licenc.		Durante a licenc.		Após a licenc.		V de Cramer	Valor de prova: p <
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher		
Ciências Sociais	41.9	15.5	4.7	4.8	53.5	79.8	0.26	0.0007
Engenharia	13.5	11.5	34.2	20.7	52.3	67.8	0.17	0.0107
Ciências	5.0	7.3	35.0	34.5	60.0	58.2	0.04	0.9405
C.E.E.P. (R.I.)	24.0	7.2	8.0	5.2	68.0	87.6	0.23	0.0397
Totais	18.9	11.5	26.3	13.8	54.7	74.7	0.20	0.0001

A situação na profissão impõe-se como um dos melhores indicadores da qualidade do emprego. No quadro V, concentremo-nos, para simplificar, apenas nos "contratados a prazo": a parte das mulheres com vínculo laboral precário (52.6%) é literalmente o dobro da dos homens (26.3%). Mas esta relação não é uniforme nem sequer geral. Varia, mais uma vez, consoante os cursos. Se nas Ciências Sociais ($V = 0.28$) a diferença, nos contratados a prazo, ascende a 34.2 pontos percentuais, no caso de Relações Internacionais ($V = 0.11$) raia a insignificância (8.4 pontos).

Quadro V

Licenciados por conselho de cursos, sexo e situação na profissão

	Por conta própria		Contrato efectivo		Contrato a prazo		V de Cramer	Valor de prova: p <
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher		
Ciências Sociais	2.3	1.2	83.7	50.6	14.0	48.2	0.28	0.0001
Engenharia	7.1	5.2	71.0	50.3	21.9	44.5	0.24	0.0001
Ciências	—	—	45.0	21.8	55.0	78.2	0.23	0.0480
C.E.E.P. (R.I.)	4.0	1.0	44.0	38.5	52.0	60.4	0.11	0.4871
Totais	5.3	2.4	68.3	44.9	26.3	52.6	0.25	0.0001

4. Áreas de Actividade

Há áreas de actividade profissional que são tidas por mais "femininas" do que outras. Esta "inclinação" atravessa também o mundo dos "doutores e engenheiros". Entre os 735 licenciados activos abrangidos pelo inquérito, o desnível abre-se principalmente nos sectores da indústria e dos serviços. No sector industrial, "mais masculino", trabalham 54.7% dos licenciados e 27.0% das licenciadas; inversamente, a esfera dos serviços, "mais feminina", acolhe 42.8% dos homens e 70.7% das mulheres (ver quadro VI).

Quadro VI
Licenciados por conselho de cursos, sexo e área de actividade económica

Conselho de Cursos	Sexo	Indústria	Educação	Outros Serviços	Outros Ramos	Totais (n)	Val. prova p V de Cramer
Ciências Sociais	H	4.7	58.1	34.9	2.3	43	0.4770
	M	4.8	44.9	47.3	3.0	167	0.11
Engenharia	H	75.5	13.5	9.7	1.3	155	0.0002
	M	53.2	31.8	12.7	2.3	173	0.24
Ciências	H	60.0	30.0	10.0	—	20	0.0001
	M	12.7	78.2	9.1	—	55	0.49
C.E.E.P. (R.I.)	H	8.0	20.0	60.0	12.0	25	0.0293
	M	26.8	25.8	45.4	2.1	97	0.27
Totais	H	54.7	23.5	19.3	2.5	243	0.0001
	M	27.0	40.2	30.5	2.2	492	0.27

Esta espécie de "divisão sexual do trabalho" carece ser equacionada ao nível dos conselhos de cursos. Parte das disparidades observadas pode provir da desigual feminização dos cursos e da especificidade das respectivas áreas vocacionais. De facto, a capacidade discriminante do sexo varia consoante os conselhos de cursos. Nas Ciências Sociais, as diferenças são ínfimas: são praticamente as mesmas as probabilidades de se trabalhar num dado ramo, seja-se homem ou mulher. Assaz distinta é a realidade dos outros conselhos de cursos. Nas Ciências, 60% dos homens,

contra 12.7% das mulheres, empregam-se na indústria ($V = 0.49$), na Engenharia, 75.5% e 53.2%, respectivamente ($V = 0.24$). Curiosamente, Relações Internacionais, com 26.8% das mulheres e apenas 8% dos homens a trabalhar na indústria, inscreve-se a contraccorrente ($V = 0.27$).

5. A Remuneração

O sexo interfere no acesso ao emprego, na situação na profissão e na área de actividade económica. No que concerne a remuneração, os resultados tão pouco se afinam pela máxima "a trabalho igual, salário igual". No quadro VII constata-se uma associação deveras forte entre o sexo e a remuneração ($V = 0.39$). A probabilidade de um homem auferir uma remuneração líquida mensal igual ou superior a 200 contos (45.2%) é quase quatro vezes maior do que a de uma mulher (11.6%). Em contrapartida, é menos de metade o risco de ganhar menos de 150 contos (21.9% e 50.1%).

Embora com intensidades diversas, esta assimetria reproduz-se ao nível de cada conselho de cursos: maior em Relações Internacionais ($V = 0.40$) e nas Engenharias ($V = 0.39$), menor nas Ciências ($V = 0.27$) e nas Ciências Sociais ($V = 0.23$).

Quadro VII
Licenciados por conselho de cursos, sexo e remuneração do trabalho

Conselho de Cursos	Sexo	< 150 cts.	de 150 a < 200 cts.	≥ 200 cts.	Totais (n)	Val. prova p V de Cramer
Ciências Sociais	H	16.7	71.4	11.9	42	0.0037
	M	43.3	51.8	4.9	164	0.23
Engenharia	H	16.0	24.4	59.5	131	0.0001
	M	46.4	29.3	24.3	140	0.39
Ciências	H	52.6	15.8	31.6	19	0.1147
	M	72.5	17.5	10.0	40	0.27
C.E.E.P. (R.I.)	H	44.4	22.2	33.3	18	0.0005
	M	59.5	36.7	3.8	79	0.40
Totais	H	21.9	32.9	45.2	210	0.0001
	M	50.1	38.3	11.6	423	0.39

A propósito da remuneração, torna-se possível ensaiar uma análise multivariada de variância⁸, envolvendo as cinco variáveis independentes abordadas neste texto: o sexo, o conselho de cursos, o período de início da actividade, a situação na profissão e a área de actividade económica⁹. Numa análise conjunta com todos estes factores, manterá o factor sexo a sua influência sobre a remuneração? Por outras palavras, permanecendo o resto igual, o sexo continua a fazer alguma diferença? E quanto aos demais factores, qual é o seu contributo?

Quadro VIII

Análise de variância da remuneração no trabalho com o sexo, o conselho de curso e a área de actividade como factores

Fonte de Variação	Graus de Liberdade	Soma dos Quadrados	Quadrados Médios	Valor F	Valor P
Sexo (A)	1	76088.1	76088.1	18.7	0.0001
Cons. de cursos (B)	3	97583.2	32527.7	8.0	0.0001
AB	3	5279.9	1760.0	0.4	0.7302
Área de actividade (C)	1	1168.0	1168.0	0.3	0.5926
AC	1	2234.6	2234.6	0.5	0.4592
BC	3	11983.3	3994.4	1.0	0.4015
ABC	3	8667.9	2889.3	0.7	0.5468
Erro	599	2440604.8	4074.5		

⁸ A informação relativa à remuneração foi recolhida no inquérito mediante seis escalões. Para transformar esta variável ordinal numa real, arbitrou-se, por um lado, que o valor mínimo não desce aquém dos 60 contos e o máximo se fica pelos 450 contos e, por outro lado, que as diversas categorias são internamente homogêneas, de forma que a média se confunde com o valor intermédio. Trata-se, obviamente, de uma convenção que não é fiel à realidade: nem o mínimo é 60 contos, nem o máximo 450, nem tão pouco existe uma distribuição homogênea dentro das categorias. Quando muito aproximado, este artifício acaba, no entanto, por se revelar útil para a análise.

⁹ Para tornar esta análise exequível (evitar células vazias) algumas variáveis foram reagregadas: o início da actividade foi dividido em dois períodos (antes e depois da conclusão do curso); na área de actividade económica só foram retidos os que trabalham na indústria ou nos serviços; enfim, quanto à condição na profissão distinguem-se apenas as situações "estável" (trabalhador por conta própria ou por conta de outrem com contrato permanente) e "precária" (trabalhador por conta de outrem a prazo).

Numa análise que foi progredindo das relações mais simples para as mais complexas, adicionando-lhes, gradualmente, novas variáveis, verificou-se, a dado passo, que o efeito específico da área de actividade sobre a remuneração resultava irrelevante quando conjugado com os efeitos do sexo e do conselho de cursos. Como se pode ler no quadro VIII, a variação da remuneração que lhe é, directamente (F = 0.3) ou por interacção, imputável assevera-se insignificante. Por este motivo, no seguimento da análise prescinde-se desta variável¹⁰.

Quadro IX

Análise de variância da remuneração com o sexo, o conselho de cursos e a área de actividade como factores

Fonte de Variação	Graus de Liberdade	Soma dos Quadrados	Quadrados Médios	Valor F	Valor P
Sexo (A)	1	38321.2	38321.2	11.2	0.0009
Cons. de cursos (B)	3	119948.3	39982.8	11.7	0.0001
AB	3	23696.4	7898.8	2.3	0.0748
Início da actividade (C)	1	24781.9	24781.9	7.3	0.0072
AC	1	1844.1	1844.1	0.5	0.4625
BC	3	18937.2	6312.4	1.9	0.1369
ABC	3	29310.3	9770.1	2.9	0.0362
Situação na profissão (D)	1	120433.2	120433.2	35.3	0.0001
AD	1	1563.8	1563.8	0.5	0.4987
BD	3	10090.7	3363.6	1.0	0.3990
ABD	3	1173.8	391.3	0.1	0.9515
CD	1	10017.0	10017.0	2.9	0.0872
ACD	1	13080.4	13080.4	3.8	0.0507
BCD	3	22207.9	7402.6	2.2	0.0905
ABCD	3	32895.9	10965.3	3.2	0.0226
Erro	564	1924179.9	3411.7		

¹⁰ Esta selecção facilita-nos, aliás, a continuação da análise, na prática inviável com os cinco factores inicialmente previstos devido às células vazias decorrentes da multiplicação das especificações.

Mesmo considerados em simultâneo, os restantes quatro factores preservam um efeito próprio significativo sobre a remuneração (ver quadro IX); maior o da situação na profissão ($F = 35.3$), menor, mas sempre considerável, o do início da actividade ($F = 7.3$); intermédios, o do conselho de cursos ($F = 11.7$) e o do sexo ($F = 11.2$). O quadro X, que, para melhor legibilidade, não contempla o factor início de actividade, evidencia estes efeitos. Por exemplo, permanecendo iguais o conselho de cursos e a situação na profissão, a remuneração varia significativamente conforme se é homem ou mulher: em Engenharia, se o emprego é estável, desce de 252.4 para 193.5 contos (-30.4%) e, se é precário, de 191.4 para 148.5 (-28.9%); nas Ciências, de 225.0 para 187.5 (-20%) e de 152.3 para 132.8 (-14.7%), respectivamente... Nesta série, os licenciados em Ciências Sociais com situação precária na profissão são os únicos a constituir excepção: os homens e as mulheres ganham em média praticamente o mesmo: 135 e 135.5 contos¹¹. Em suma, e feita esta ressalva, dois licenciados do mesmo conselho de cursos, que iniciaram a actividade no mesmo período e com a mesma situação na profissão, se forem homem e mulher, ele tem fortes probabilidades de ganhar bastante mais do que ela.

Numa análise da relação entre o sexo e o emprego, este último deve ser equacionado segundo diversas dimensões, tais como o tempo necessário para arranjar emprego, a taxa de desemprego, a situação na profissão, a área de actividade económica e a remuneração. Por sua vez, o conselho de cursos manifesta-se como uma mediação, um factor interferente a ter sempre em devida conta. Foi o que tentámos fazer.

Os resultados mostram que o género transparece como um factor de discriminação e de desigualdade em todas as vertentes do emprego consideradas. Este efeito não segue, todavia, um padrão sistemático. Varia consoante os aspectos do emprego e os (conselhos de) cursos focados.

¹¹ Ocorre, por conseguinte, um efeito de interacção que particulariza o conselho de cursos de Ciências Sociais. É possível que a proporção comparativamente elevada de licenciados que trabalham na "função pública" concorra para esta aproximação das remunerações de ambos os sexos. 47.6% dos licenciados em Ciências Sociais estão empregados na área da educação e 30% na administração pública e nos serviços sociais, o que perfaz 77.6% contra 36.6% (29.5 e 7.1%) dos restantes três conselhos de cursos.

A incidência da situação na profissão confirma-se maior do que a do sexo. Permanecendo iguais o conselho de cursos e o sexo, a remuneração varia muito significativamente conforme a situação na profissão é estável ou precária: em Engenharia, nos homens, desce de 252.4 para 191.4 (-31.9%) e, nas mulheres, de 193.5 para 148.5 contos (-30.3%); em Ciências, nos homens, desce de 225 para 152.3 contos (-47.7%) e, nas mulheres de 187.5 para 132.8 contos (-41.2%)...

Quadro X
Tabela de incidência dos factores sexo, conselho de cursos e situação na profissão sobre a remuneração

C. Cursos:	Engenharia		Ciências		C. Sociais		C. Económicas		Totais
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
Emprego estável	102	83	8	10	36	85	7	33	364
	252.4	193.5	225.0	187.5	179.9	168.0	225.7	160.5	200.8
Emprego precário	29	57	11	30	6	79	11	46	269
	191.4	148.5	152.3	132.8	135.0	135.5	150.0	118.7	142.4
Totais	131	140	19	40	42	164	18	79	633
	238.9	175.2	182.9	146.5	173.5	152.3	179.4	136.1	176.0

Por exemplo, não são sempre os mesmos cursos a apresentar as maiores (ou menores) diferenças entre licenciados e licenciadas. Dependendo das dimensões do emprego analisadas, as características de cada curso podem ou não concorrer para uma relação e um efeito específicos. Se, ao nível da remuneração, as maiores diferenças sobrevem nos cursos de Engenharia e de Relações Internacionais, já no que respeita à situação na profissão são as Ciências Sociais que sobressaem. Um estudo sobre a relação entre o género e o emprego no universo dos licenciados carece, portanto, ser prolongado e aprofundado ao nível da trama que envolve as características próprias dos cursos, dos respectivos mercados de trabalho e das suas interdependências.

Do esboço de análise proposto, importa reter, muito particularmente, os resultados do exercício ensaiado com a variável remuneração. Pela conjugação de um relativamente elevado número de factores e pela natureza mais fina e complexa dos testes, conseguiu-se, porventura mais do que noutras variáveis, consolidar a hipótese de que a ligação entre o sexo e o emprego, no caso da remuneração, não é espúria.

Enfim, se a passagem pela universidade atenua as desigualdades sociais (de género face ao emprego), esta análise não o pode avaliar. Mostra, isso sim, quanto elas continuam abismais após a licenciatura.